



O socialismo utópico no pensamento político de Abreu e Lima

Theófilo Machado Rodrigues¹

Resumo: A recepção do pensamento socialista de orientação marxista é bem conhecida na história política brasileira. Contudo, muito tempo antes dessa influência de Marx no Brasil uma certa literatura política nacional já desenvolvia temas relacionados ao socialismo no país. O presente artigo destaca o pensamento político do general Abreu e Lima, em particular aquele desenvolvido em seu livro *O Socialismo*. No livro, publicado em 1855, o general demonstra conhecer bem Babeuf e autores clássicos do socialismo utópico como Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen. Deste modo, o presente artigo pretende demonstrar como o pensamento político de Abreu e Lima, em meados do século 19, influenciado pelo contexto histórico e social brasileiro, bem como pelo debate europeu, inseriu de forma pioneira o pensamento socialista no Brasil.

Palavras-chave: Pensamento Político Brasileiro; Socialismo Utópico; Abreu e Lima.

Utopian socialism in Abreu e Lima political thought

Abstract: The reception of Marxist-oriented socialist thought is very well known in Brazilian political history. However, a long time before this influence of Marx in Brazil a certain national political literature already developed subjects related to socialism in the country. This article highlights the political thought of General Abreu e Lima, in particular the one that is developed in his book, *The Socialism*. In the book, published in 1855, General Abreu e Lima demonstrates to know Babeuf and classic authors of utopian socialism as Saint-Simon, Charles Fourier and Robert Owen very well. In this way, the present article intends to demonstrate how the political thought of Abreu e Lima, in the middle of the 19th century, influenced by the Brazilian historical and social context, as well as by the European debate, has pioneered socialist thought in Brazil.

Keywords: Brazilian Political Thought; Utopian Socialism; Abreu e Lima.

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. theofilomachadorodrigues@gmail.com.

A recepção do pensamento socialista de orientação marxista é bem conhecida na história política brasileira. Em fins do século XIX, mais precisamente a partir da década de 70 de tal século, o pensamento desenvolvido por Karl Marx já influenciava certos debates políticos no Brasil. De acordo com Moraes Filho (2007, p. 18-19), a primeira grafia do nome de Karl Marx na imprensa brasileira ocorreu em 1871, nas páginas de *A Reforma*, jornal do Partido Liberal, pelas mãos do abolicionista Joaquim Serra. O pequeno texto apresentava Marx como o “chefe da Internacional”. Já Chacon (1981, p. 52) localizou em 25 de março de 1872, exatos cinquenta anos antes da fundação do Partido Comunista do Brasil, a primeira divulgação das ideias de Marx no país, publicada no jornal *O Seis de Março*, por Afonso Albuquerque Melo. Com a criação do Partido Comunista do Brasil em 25 de março de 1922 esse desenvolvimento teórico potencializou-se e orientou diversas interpretações acerca da formação social brasileira. *Industrialismo e agrarismo*, publicado em 1926 por Octávio Brandão, é, seguramente, a primeira obra que segue essa abordagem.

Contudo, muito tempo antes dessa influência de Marx no Brasil, uma certa literatura política nacional já desenvolvia temas relacionados ao socialismo no país. A influência aqui não vinha do “socialismo científico” produzido por Marx e Engels desde o *Manifesto Comunista* de 1848, mas sim daquele “socialismo utópico” que tinha como principais expoentes os franceses Saint-Simon, Louis Blanc, Charles Fourier e Proudhon, além do galês Robert Owen. Conforme Leonídio (2007), essa literatura hegemônica entre os revolucionários europeus da primeira metade do século XIX chegou também ao Brasil de diversos modos: no sul do país, a partir da iniciativa de um médico francês, Benoit Mûre, de criar um falanstério, em 1843, nos moldes propostos por Charles Fourier, em Santa Catarina; entre os pernambucanos, uma dessas vias de acesso deu-se pelas mãos do engenheiro francês Louis Léger Vauthier que, por algum tempo, durante a década de 40, esteve estabelecido na região².

Dentre os brasileiros que tiveram acesso aos textos clássicos do “socialismo utópico”, destacam-se aqueles que fizeram parte da Revolução Praieira de 1848 em

² Sobre a presença de Vauthier no Brasil há um belo livro de Gilberto Freyre, *Um engenheiro francês no Brasil* (1960). Sobre o falanstério em Santa Catarina, ver Queiroz, 1990.



Pernambuco, a chamada geração *quarante-huitarde*. Entre eles, Antônio Pedro de Figueiredo, Borges da Fonseca e José Inácio de Abreu e Lima. Os dois primeiros pelas já mencionadas mãos de Vauthier; o último, a partir de sua passagem pela França.

O presente artigo traz para a lupa analítica o pensamento político de Abreu e Lima, em particular aquele desenvolvido em seu *O Socialismo*, livro de 1855. A hipótese apresentada é a de que essa obra não apenas é uma das primeiras, mas também uma das melhores sistematizações do “socialismo utópico” brasileiro de meados do século XIX.

Relativamente bem conhecido na Venezuela por ter sido um dos libertadores da América Hispânica ao lado de Simón Bolívar, Abreu e Lima não teve no Brasil uma fama de mesma dimensão³. Filho do Padre Roma, figura política conhecida na Pernambuco do início do século 19, o recifense Abreu e Lima teve uma tradicional formação católica e militar. Estudou na Escola Militar do Rio de Janeiro e teve o dissabor de assistir à execução de seu pai em 1817, por seu envolvimento na Revolução Pernambucana. Em 1818 saiu do Brasil, juntou-se ao exército de Simón Bolívar e iniciou sua vitoriosa trajetória pela libertação da América Hispânica alcançando o posto de general. Após a morte de Bolívar, fato ocorrido em dezembro de 1830, todos os oficiais estrangeiros foram expulsos da Colômbia, inclusive Abreu e Lima, o que o obrigou a retornar ao Brasil em 1831. Aqui, participou da Revolução Praieira de 1848, ainda que de forma tímida através de seu *Diário Novo*. Como resultado, foi preso em Fernando de Noronha em 1849 e solto em 1851. Em junho de 1852 começou a escrever *O Socialismo*, publicando-o em 1855. No livro, o general demonstra conhecer bem Babeuf e autores clássicos do socialismo utópico como Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen. Esse é o foco do presente trabalho.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira seção, apresento algumas linhas gerais sobre o que a literatura compreende por “socialismo utópico”. Em seguida, traço um breve esboço biográfico, paralelo ao contexto histórico da Pernambuco revolucionária de 1848. Por fim, o livro *O Socialismo* é analisado com o objetivo de identificar os elementos próprios do socialismo utópico de Abreu e Lima.

³ Em Pernambuco há um pequeno município, Abreu e Lima, batizado em sua homenagem. É também em sua homenagem o nome da Refinaria Abreu e Lima, construída no litoral sul de Pernambuco.



Traços gerais do socialismo utópico

O socialismo utópico, como categoria científica, está circunscrito aos autores pós-Revolução Industrial, em particular aqueles da primeira metade do século XIX, que buscaram as bases de uma reforma social capaz de minimizar os danos do capitalismo. Bottomore (2001, p. 340) é ainda mais rigoroso nessa delimitação histórica, quando nos diz que essa é uma “expressão geralmente empregada para designar a primeira fase da história do socialismo, ou seja, o período entre as Guerras Napoleônicas e as Revoluções de 1848”. Mas não seria ocioso perceber que essa tradição delimitada historicamente possui raízes em certos reformadores sociais de outros tempos como Thomas More, Rousseau, Mably, Morelly e Godwin, entre tantos outros (PETITFILS, 1977).

Não obstante a influência desses precursores, o socialismo utópico será somente reconhecido nas obras de pensadores como Saint-Simon, Louis Blanc, Charles Fourier, Proudhon e Robert Owen, entre outros. A primeira formulação sobre o que é o socialismo utópico foi feita de forma mais sistemática na obra de Karl Marx e Friedrich Engels. No *Manifesto Comunista* de 1848, Marx e Engels apresentaram pela primeira vez o termo. Com efeito, a expressão utilizada naquele momento é a de “socialismo e comunismo crítico-utópicos”. Saint-Simon, Fourier e Owen são citados nominalmente por Marx e Engels. Segundo os autores, os fundadores do socialismo utópico “compreendem bem o antagonismo das classes, assim como a ação dos elementos dissolventes na própria sociedade dominante. Mas não percebem no proletariado nenhuma iniciativa histórica, nenhum movimento político que lhe seja peculiar” (MARX e ENGELS, 2010, p. 66). Sob esse registro, a aposta do socialismo utópico não está numa ação política revolucionária do proletariado, mas sim num reformismo social por meios pacíficos, protagonizado pela própria classe dirigente.

No entanto, foi posteriormente com Engels que essa sistematização sobre o significado do socialismo utópico foi melhor aprofundada. Com o objetivo de combater as concepções de Eugen Dühring, Engels publicou em 1878 um denso livro intitulado o *Anti-Dühring*. O livro é complexo, considerado um dos mais importantes de Engels, e aborda temas como filosofia, ciência, economia e socialismo. Por sua importância para o movimento marxista, Engels decidiu publicar uma versão mais condensada desse



livro, que pudesse ser propagandeado entre os trabalhadores, e que ficou conhecido a partir de então como *Do socialismo utópico ao socialismo científico*⁴. Ali, Engels descreve de forma clara e concisa o pensamento político de Saint-Simon, Fourier e Owen. Nas palavras de Engels (2011, p. 65-66), “o socialismo é, para os utopistas, a expressão da verdade, da razão, da justiça absoluta, e conquistará o mundo pela força imanente da própria virtude”. Mas ainda faltava algo para conectar esse socialismo com o mundo real. Faltava cientificidade, ou, na linguagem marxista, faltava materialismo. O objetivo de Engels é realizar uma demarcação teórica clara: a fronteira que separa o socialismo utópico daqueles autores, do socialismo dito científico, de Marx⁵.

Assim como Engels, Lênin também se colocou a tarefa de traduzir aos trabalhadores de forma mais clara as diferenças entre o socialismo dito utópico e aquele que seria o mais avançado, o científico. Em *As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo*, texto escrito em 1913, na ocasião do 30º aniversário da morte de Marx, e publicado na revista mensal bolchevique *Prosvechtchénie*, Lenin definiu assim o socialismo utópico:

Quando o regime feudal foi derrubado e a "livre" sociedade capitalista viu a luz do dia, tornou-se imediatamente claro que essa liberdade representava um novo sistema de opressão e exploração dos trabalhadores. Como reflexo dessa opressão e como protesto contra ela, começaram imediatamente a surgir diversas doutrinas socialistas. Mas, o socialismo primitivo era um socialismo utópico. Criticava a sociedade capitalista, condenava-a, amaldiçoava-a, sonhava com a sua destruição, fantasiava sobre um regime melhor, queria convencer os ricos da imoralidade da exploração. Mas o socialismo utópico não podia indicar uma saída real. Não sabia explicar a natureza da escravidão assalariada no capitalismo, nem descobrir as leis do seu desenvolvimento, nem encontrar a força social capaz de se tornar a criadora da nova sociedade (LENIN, 1980, p. 38).

Nessa linhagem iniciada por Engels e continuada por Lênin, o socialismo utópico era visto como uma fonte originária, porém incompleta, para o marxismo. O que faltava aos utópicos era a descoberta de Marx sobre o papel da luta de classes na

⁴ A primeira versão de *Do socialismo utópico ao socialismo científico* foi publicada em França em 1880. A obra foi elaborada para que Paul Lafargue, genro de Marx, traduzisse para o francês e publicasse no país (ENGELS, 2011).

⁵ Há aqui uma clara opção normativa. Utilizamos como referencial a ideia de “socialismo utópico” e “socialismo científico” de Engels. Mas reconhecemos que outras interpretações normativas poderiam definir como utópico o próprio “socialismo científico”. Também reconhecemos que os autores enquadrados como utópicos não se apresentavam dessa maneira.



história e sobre a ontologia privilegiada do proletariado como sujeito histórico da transformação social no contexto do modo de produção capitalista.

Esse socialismo utópico certamente não teve na história a mesma repercussão que o socialismo científico, ou seja, que o marxismo. Claro, com a Revolução Russa, o estabelecimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e a bipolaridade no cenário internacional, em particular no período da Guerra Fria, o marxismo alcançou o mundo inteiro. Mas isso não significa dizer que o socialismo utópico também não tenha deixado seu legado. A francesa Jacqueline Russ (1991, p. 185), por exemplo, indica que o socialismo utópico francês “difundiu-se pelo mundo inteiro, na Rússia, nos Estados Unidos, no Brasil, no México (...)”. Já Petitfils (1977) aponta a influência desse socialismo utópico em países como Alemanha, Bélgica, Espanha, Itália, Estados Unidos, Rússia e China. Para o presente artigo, interessa-nos saber como essa doutrina política atravessou o Atlântico e foi recepcionada por um autor específico, o general Abreu e Lima. Entendido esse contexto do socialismo utópico, podemos passar agora para linhas mais gerais sobre o pensamento político de Abreu e Lima.

Contexto histórico e síntese biográfica de Abreu e Lima

Nascido em Recife, no dia 6 de abril de 1794, José Inácio de Abreu e Lima é filho do momento revolucionário pernambucano da primeira metade do século XIX. Com nuances próprias em cada uma de suas fases, esse ciclo revolucionário, liberal e republicano, iniciou-se com a Revolução Pernambucana de 1817, passou pela Confederação do Equador em 1824, até, finalmente, alcançar a Revolução Praieira de 1848. Esse ciclo revolucionário em Pernambuco representou uma das mais duras respostas contra a centralização dos poderes proposta pela monarquia, desde a chegada da Corte em 1808 no Brasil. Altamente influenciados pelas ideias iluministas vindas da Europa, esses revolucionários propunham temas como a liberdade de imprensa, a liberdade de culto, a república, a redução dos impostos e a independência de sua região. Mais do que tudo, o repúdio à intervenção portuguesa no país a todos unia. Embora fosse discutida, a agenda da abolição ainda não era consensual entre esses atores, dependentes que eram do apoio político e econômico dos proprietários de terras locais.



Abreu e Lima é filho desse momento revolucionário. Mas sua identidade também é a de um militar. Entre 1812 e 1816 esteve na Academia Real Militar no Largo de São Francisco no Rio de Janeiro. Dali retornou para o Recife como Capitão de Artilharia, onde não demorou até que fosse preso e enviado para o cárcere na Bahia. E foi da prisão, com apenas 23 anos de idade, que Abreu e Lima viu seu pai, o reconhecido intelectual Padre Roma, uma das principais lideranças da Revolução Pernambucana de 1817, ser condenado ao fuzilamento⁶. Após a instituição do Governo Provisório em março de 1817, em decorrência da Revolução Pernambucana, o Padre Roma recebeu a tarefa de expandir o movimento para a Bahia. Junto consigo levou seu filho Luís. Mas sua missão não logrou sucesso: foi recebido pelas forças da Coroa em 26 de março de 1817, julgado no dia 28 e fuzilado em 29 de março, em um processo que durou apenas três dias. Abreu e Lima e seu irmão, Luís, permaneceram presos na Bahia até outubro daquele ano, quando foram libertados com apoio da Maçonaria e receberam recursos para saírem do país. Em fevereiro de 1818 passaram por uma rápida temporada nos Estados Unidos até a separação em abril: enquanto Luís foi para Porto Rico, Abreu e Lima seguiu rumo à Venezuela para encontrar o lendário general Bolívar (BRUNI, 2010).

A formação militar de Abreu e Lima lhe permitiu assumir o posto de capitão do exército de Bolívar assim que chegou na América Hispânica. Deste modo, dirigiu vitoriosas batalhas na Venezuela e na Colômbia, conquistou a confiança de Bolívar e atingiu o posto máximo de general, reconhecido hoje na Venezuela como um dos Libertadores do país. O fato que levou o brasileiro ao posto de general é curioso. De acordo com Bruni (2010, p. 57-60), em 1828 Bolívar solicitou ao então coronel da reserva Abreu e Lima que preparasse um dossiê em sua defesa para ser divulgado na Europa. Bolívar ficou tão satisfeito com o resultado do trabalho que promoveu Abreu e Lima ao posto de general de brigada. Após a morte de Bolívar em dezembro de 1830, e, em particular, com a posse do novo ministro da guerra, general José Maria Obando, todos os oficiais estrangeiros foram expulsos da Colômbia em agosto de 1831, inclusive Abreu e Lima (BRUNI, 2010, p. 65). Antes do retorno ao Brasil, passou pelos Estados

⁶ O pai de Abreu e Lima, José Inácio Ribeiro de Abreu e Lima, conhecido como Padre Roma, largou a batina para se casar.



Unidos e pela Europa até se estabelecer no Rio de Janeiro em 1832. Ali, dedicou-se à vida de escritor e publicou o *Compêndio de História do Brasil* em 1843.

A volta para Pernambuco ocorreu somente em 1844, quando pôde se reencontrar com a agenda revolucionária de sua terra. Seu irmão Luís havia fundado dois anos antes o *Diário Novo*, jornal reprodutor das ideias dos praieiros no Recife⁷. E foi no *Diário Novo* que Abreu e Lima passou a defender seus ideais – revolucionárias para o tempo, porém moderados em meio ao movimento dos praieiros. Essa prática política moderada de Abreu e Lima pode ser claramente observada na forma como foi conduzida a Praieira. Chacon (1981, p. 33) observa a existência de duas grandes alas distintas entre os revolucionários de 48: uma radical, chefiada por Borges da Fonseca e Pedro Ivo, republicana e igualitária; e outra conciliadora, comandada por Nunes Machado e Abreu e Lima. A ala radical, muito crítica ao Partido Liberal, propunha o voto livre e universal, a república, o federalismo, a liberdade de imprensa, *etc.*, ao passo que os moderados, mais próximos do Partido Liberal, reivindicavam através do *Diário Novo* a defesa do federalismo e o fortalecimento do legislativo. De certo modo, como bem aponta Chacon (1981, p. 35), essa divisão de 1848 já prenunciava a cisão que ocorreria em 1870 entre os liberais com a organização do Partido Republicano. Essa divisão, aliás, anteciparia muitos dos debates marxistas desenrolados ao longo do século XX sobre conciliação e conflito entre trabalho e capital, entre reforma e revolução⁸. Enquanto um radical como Antônio Pedro de Figueiredo afirmava que “o capital defrauda desapiedadamente o trabalho”, um conciliador como Abreu e Lima defendia que “o capital e o trabalho se harmonizem, porque disto e somente disto depende a ordem, a paz...” (QUINTAS, 2004. p. 29).

A Revolução Praieira teve início efetivamente em novembro de 1848 em Olinda. Insatisfeitos com a destituição, por D. Pedro II, do presidente da província, o liberal Antônio Pinto Chichorro da Gama, os praieiros deram início ao movimento contra a

⁷ O *Diário Novo*, que tinha entre seus redatores Abreu e Lima, era o jornal dos moderados na Revolução Praieira, em contraponto ao jornal dos conservadores, o *Diário de Pernambuco*, o diário velho. O movimento dos praieiros recebeu esse nome, pois a sede do *Diário Novo* ficava na Rua da Praia. (CHACON, 1981, p. 34 e QUINTAS, 2004, p. 43-44).

⁸ Não se trata de apontar a gênese do debate reforma ou revolução no movimento pernambucano, mas sim de salientar como o movimento já antecipava aspectos dessa polêmica.



Coroa. Em fevereiro de 1849 os rebeldes marcharam para Recife, ocasião em que Nunes Machado, João Roma e Luis Roma, os dois últimos, irmãos de Abreu e Lima, foram mortos. Abreu e Lima foi preso e condenado à prisão perpétua em Fernando de Noronha. “Sua participação fora, no final das contas, jornalística, sem recurso à mão armada, porém os conservadores a julgaram bastante para o degredo”, diz Chacon (1981, p. 118). Aliás, importante ressaltar que Abreu e Lima, ao contrário da maioria dos praieiros, nunca foi um adversário da Coroa, nunca foi um republicano. Pelo contrário, acreditava na monarquia constitucional. Sua crítica, e esse era um ponto que unia todos os praieiros, era contra a imensa participação portuguesa nos negócios e assuntos regionais, o que tirava empregos dos brasileiros. De qualquer modo, em 1850 o Marques do Paraná, que no ano anterior havia assumido a presidência da província de Pernambuco, com a tarefa de apaziguar os ânimos locais, concedeu perdão e anistiou muitos dos presos políticos, Abreu e Lima entre eles.

Em junho de 1852 começou a escrever *O Socialismo* – obra da qual trataremos na seção seguinte – publicando-o em 1855. No fim de sua vida, em 1867, escreveu dois textos em defesa da liberdade religiosa: *As Biblias Falsificadas* e *O Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos*. Mas seus textos não foram bem recebidos entre os católicos. Quando faleceu em sua terra natal, em 8 de março de 1869, o bispo Francisco Cardoso Aires não permitiu que seu corpo fosse sepultado no tradicional cemitério católico da cidade, seja por sua relação com a maçonaria, seja pela polêmica defesa das liberdades religiosas. Aí, a confusão entre Igreja e Estado era clara: embora público, quem dirigia o cemitério era a Igreja Católica. Como alternativa, foi acolhido pelo cemitério dos ingleses.

O Socialismo de Abreu e Lima

O Socialismo começou a ser redigido em 1852, logo após Abreu e Lima ter saído da prisão, em Fernando de Noronha, em decorrência de sua participação na Praieira. O livro, de aproximadamente 260 páginas, organizadas em 67 curtos capítulos, é fruto bem-acabado de um longo esforço de sistematização de suas ideias coletadas ao longo de quase sessenta anos de vida. Após três anos de trabalho, finalmente foi publicado na Pernambuco de 1855, pela Tipografia Universal, localizada na Rua do Colégio.



A formação católica de Abreu e Lima não é mero detalhe presente em sua biografia. Sua formulação teórica sobre o conceito de socialismo está profundamente marcada por sua formação religiosa. De acordo com o autor, “o socialismo não é uma ciência, nem uma doutrina, nem uma religião, nem uma seita, nem um sistema, nem um princípio, nem uma ideia: é mais do que tudo isto, porque é um desígnio da Providência” (ABREU E LIMA, 2001, p 31). A passagem supracitada é exatamente o primeiro parágrafo do primeiro capítulo de *O Socialismo*. O autor se apresenta distinto daqueles que compreendem o socialismo como uma ciência, ainda que não seja possível dizer que seja uma crítica ao chamado “socialismo científico”. Ainda que o conceito de “socialismo científico” tivesse sido formulado pela primeira vez no *Manifesto Comunista* de 1848 - portanto sete anos antes da publicação de *O Socialismo* - não há nenhuma citação de Abreu e Lima à Karl Marx e Friedrich Engels, bem como não há indícios históricos de que os tivesse conhecido.

Por fim, aquilo que talvez seja o mais importante da primeira frase que abre o livro precisa ser destacado: a ideia de que o socialismo “é um desígnio da Providência”, o que mostra a importância do idealismo ou da metafísica em geral, e do catolicismo em particular, na formulação do autor. Em outras palavras, já no início de seu texto, Abreu e Lima apresenta a principal razão pela qual pode ser enquadrado como um “socialista utópico”, idealista, e não como um “socialista científico”, materialista. Nesta mesma passagem, o autor já realiza uma importante demarcação de campo, que está presente em todo o livro: a tentativa de distanciamento entre seu pensamento e aquele dos tradicionais socialistas utópicos europeus de sua época: Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen. Quando diz que o socialismo não é uma seita, uma doutrina ou um sistema, está se referindo aos três socialistas europeus, conforme demonstra o último parágrafo deste primeiro capítulo: “O que são as seitas, ou doutrinas, ou *systemas* de Fourier, de Saint-Simon, de Owen, e de seus sectários? Aberrações do espírito humano *excrescencias* que vão *desaparecendo* pelo *attrito* na rotação do *genero* humano sobre si mesmo” (*Ibid*, p 32).

O segundo parágrafo é ainda mais direto: “Em que consiste o socialismo? Na *tendencia* do *genero* humano para tornar-se ou formar uma só e *immensa* família” (, p 31). A tal “*immensa* família” de que trata o autor é caracterizada já no prólogo do livro



quando afirma que “o *genero* humano formará, pois, uma só e *immensa* família, quando se houverem *realizado* estes *dous factos*: uma só raça, a Caucasea; um só *symbolo* de fé, a Cruz” (*Ibid*, p 30). Pode-se notar aqui uma característica do socialismo em Abreu e Lima: o internacionalismo. Embora não use essa expressão, o autor em diversos momentos defende a ideia do socialismo como a construção de um gênero humano que ultrapasse fronteiras. Diz ele na última frase do capítulo sétimo: “*Por tanto* a pátria do homem não *he* o lugar onde nasceu, mas toda a terra, que lhe foi dada pela palavra de Deus: o homem *he* cidadão do mundo” (*Ibid*, p 47).

No socialismo de Abreu e Lima não importa o modelo das instituições políticas, mas sim se tais instituições auxiliam ou atrapalham o chamado “progresso moral e material da sociedade”. Em suas palavras,

Não há forma de governo absolutamente boa, porque se a houvesse, excluiria todas as outras formas; *por tanto* eu só encaro as instituições pelo lado da influência, que possam exercer nas funções econômicas do país para que foram feitas.(...) *por tanto* só considero viciosas aquelas instituições, (seja qual for a sua forma) que obstem ao progresso moral e material da sociedade, ou que lhe não permitam desenvolver todos os seus recursos morais e materiais. (...) Está *por tanto* abandonada na Europa a questão das formas do governo: uma República ou uma Monarquia, não importa; uma Constituição, um Estado, um *Senatus-Consultus*, é tudo a mesma coisa, *com tanto* que não se oponha ao progresso moral e material da sociedade (*Ibid*, p 48-49).

Esse “progresso moral e material da sociedade” é também chamado de “bem estar”. Ou seja, as instituições políticas devem atuar para o “progresso moral e material da sociedade”; as instituições políticas devem atuar para garantir o “bem estar”. O que fica claro no pensamento político de Abreu e Lima é a importância do papel interventor do Estado como garantidor do “bem estar”. E o que sustenta esse papel do Estado é a “justiça distributiva”, tema tão importante para a teoria política da segunda metade do século XX. Diz o autor: “a justiça distributiva *he* pois um dos *principaes* elementos desta nova ordem de *cousas*” (*Ibid*, p 48). Esse “bem estar” propiciado pela “justiça distributiva” pode ser encontrado, por exemplo, nos Estados Unidos, graças ao hábito e educação da raça saxônia, diz Abreu e Lima. “O governo neste caso deve ser apenas conservador ou regulador” (*Ibid*, p 48). Já em países mais atrasados, caso do Brasil, o governo “deve ser eminentemente *creador* e reformador” (*Ibid*, p 49). Mas esse “bem



estar” não pode ser confundido com aquele que viria no século seguinte. O “bem estar” de Abreu e Lima é o liberal, tipicamente inglês: a liberdade do comércio, da indústria e do trabalho.

Embora, como já vimos, seu socialismo não seja científico, mas sim utópico, Abreu e Lima faz questão de afastar-se dos clássicos do “socialismo utópico” de forma ríspida: não “*he* socialista o prostituto de Fourier, o ocioso de Owen, o velhaco de Babeuf e o corrupto de Saint-Simon, cada qual mais louco senão mais tratante” (*Ibid*, p 58). Ao mesmo tempo em que se afasta desses clássicos, diferencia seu socialismo também do comunismo, ideia que “não somente ataca as *jerarchias sociaes*, mas também a família e a propriedade, sem cujas bases seria impossível qualquer sociedade humana” (*Ibid*, p 58). Ao defender a propriedade privada como princípio semelhante ao da liberdade, aproxima-se das referências de liberais franceses como Thiers e Bastiat; poderia também citar Locke, mas não o faz, senão em uma pequena nota de rodapé do capítulo 32. Daí para a crítica aos que consideram a propriedade privada um roubo, como Proudhon, foi um passo. Abreu e Lima expressa em seu livro uma noção estranha de comunismo: para ele essa doutrina prega um Estado forte, interventor, promotor da abolição da propriedade e da espoliação dos lucros em favor de uma forçada igualdade. Curioso, na medida em que na época os comunistas defendiam justamente a abolição do Estado. Contudo, isso não impede de encontrar algo em comum entre o seu socialismo e o dos socialistas utópicos e comunistas: a busca pela formação do gênero humano como um só e imensa família. O que os diferencia, diz o autor, são os meios, não o fim.

Por fim, é interessante também notar uma assertiva de Abreu e Lima sobre o desenvolvimento histórico que nos remete ao materialismo dialético e histórico próprio do socialismo científico que o autor não conheceu. Ao descrever o desenvolvimento histórico da Rússia, no capítulo 64, elabora uma construção lógica que lembra a da determinação em última instância da superestrutura pela estrutura. Diz Abreu e Lima: “o progresso material engendra por toda a parte o progresso moral, e a civilização marcha irresistível levada pelos próprios obstáculos, que se lhe opõem” (*Ibid*, p. 281).



Considerações finais

O pensamento político e social do “general das massas” Abreu e Lima foi certamente um dos primeiros a tratar do ideário socialista no Brasil. Essas ideias chegaram ao país na década de 40 do século XIX. Na década seguinte, com o livro do pernambucano, essas ideias receberam um tratamento mais elaborado, ainda que profundamente crítico. *O Socialismo* dialoga abertamente com autores do chamado “socialismo utópico” – Proudhon, Babeuf, Saint-Simon, Owen e Fourier -, não obstante sua proposta mantenha diferenças nítidas em relação àqueles autores.

Neste artigo identificamos algumas nuances do socialismo de Abreu e Lima. Trata-se, em primeiro lugar, de um “socialismo utópico”, idealista, oposto ao “socialismo científico”, materialista de Marx. Isso fica claro quando o autor assevera que seu socialismo não é uma ciência, mas “um desígnio da Providência”. Em segundo lugar, um socialismo que defende a propriedade privada e a família, ou seja, contrário ao que prescreviam os autores mais próximos do “comunismo”. Um socialismo que defende a busca pelo “bem-estar”, que deve ser compreendido como a defesa da liberdade de indústria, comércio e trabalho. O que Abreu e Lima chama de socialismo poderia muito bem ser identificado com o liberalismo. Um liberalismo conservador, diga-se de passagem. Sua defesa da família e da propriedade privada representam algo bem diferente do que os demais socialistas propunham. Seus valores também eram diferentes. A ideia de “emancipação da mulher” e de “igualdade dos sexos”, proposta por Saint-Simon, por exemplo, é classificada pelo pernambucano como “uma verdadeira promiscuidade” (*Ibid*, p. 74).

À guisa de uma conclusão, poderíamos defender a hipótese de que o socialismo utópico proposto por Abreu e Lima talvez estivesse mais próximo não do “socialismo utópico” francês, mas sim do utilitarismo liberal inglês⁹. “Quando Bentham disse que o único fim do homem era o “bem-estar”, disse uma verdade incontestável”, concluiu Abreu e Lima no último parágrafo de seu livro. Se a hipótese é verdadeira, então novas pesquisas sobre a recepção do utilitarismo no Brasil precisam ser desenvolvidas para atestar o pioneiro papel de Abreu e Lima.

⁹ O utilitarismo é uma teoria política do início do século XIX com forte influência na Inglaterra. Seus principais sistematizadores foram Jeremy Bentham e John Stuart Mill.



Referências

- ABREU E LIMA, José Ignacio. **O Socialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRANDÃO, Octávio. **Agrarismo e industrialismo**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.
- BRUNI, Sergio. **O mui desassossegado senhor general**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- CHACON, Vamireh. **História das idéias socialistas no Brasil**. Brasília: UnB, 1981.
- ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Edipro, 2011.
- _____. **Anti-Duhring**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREYRE, Gilberto. **Um engenheiro francês no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- LENIN, V.I. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. In: LENIN, V.I. **Obras escolhidas**. Lisboa: Edições Avante, 1980.
- LEONIDIO, Adalmir. Utopias sociais e científicas no Brasil, no final do século XIX. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 921-946, Sept. 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MORAES FILHO, Evaristo. A proto-história do marxismo no Brasil. In: MORAES, João Quartim; REIS, Daniel Aarão. **História do marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.
- PETITFILS, Jean-Christian. **Os socialistas utópicos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.
- QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. Fourier e o Brasil. In: **Revista História**. São Paulo, n: 122, Jan/ Jul, 1990.
- QUINTAS, Amaro. **O sentido social da revolução praieira**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- RUSS, Jacqueline. **O socialismo utópico**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.